

SE EXISTEM
FETICHES TÃO
BIZARROS,
SERÁ ASSIM
TÃO INUSI-
TADO SENTIR
ESTÍMULO
SEXUAL POR
ROBOTS?

dores que têm estudado a possibilidade de isto de nos envolvermos, e até casarmos, com formas de tecnologia possa, em 2050, tornar-se comum, tão comum quanto uma relação banal entre duas (ou mais) pessoas. É o futuro, dizem, e até já temos rótulo: ei-la, a digissexualidade.

Amor e um botão de on/off

Chamem-nos futuristas à vontade, mas esta conversa já está a ser tida há mais de 10 anos. David Levy, *expert* em inteligência artificial (IA) e cofundador da empresa Intelligent Toys, já tinha revelado as suas previsões em 2007 quando lançou o livro *Love and Sex with Robots*: “Há milhões de pessoas por aí que, por diversas razões, não têm ninguém para amar ou alguém que as ame a elas. E, para essas pessoas, eu acho que os *robots* vão ser a resposta.” O especialista foi dos primeiros a apontar 2050 como o ano de viragem, não porque o romance humano-robótico não pudesse acontecer antes (os casos de há umas linhas atrás comprovam-no), mas porque ainda seria preciso uma avalanche de avanço tecnológico para o conceito não soar tão excêntrico assim. Era difícil na altura imaginar que os *robots* de então podiam ser excelentes companheiros de cama, e também para a vida, mas Levy tinha uma certeza: “À medida que os *robots* se forem tornando mais parecidos com os humanos, também as pessoas vão aceitá-los mais e mais.” E se hoje, em 2019, assistimos ao lançamento de máquinas cada vez mais humanizadas, e uma protagonista como a do filme *Ex-Machina* nos pode parecer tão fisicamente atraente como qualquer outra figura humana, como será em 2050? Mais, se existem fetiches tão bizarros como atração por estátuas, balões e ursos de peluche, será assim tão inusitado sentir estímulo sexual

L
I
L
L
Y

é francesa e sempre gostou do som de vozes robóticas. Aos 19 anos, percebeu que o fascínio por máquinas ia além do gostar e que na verdade aquilo que sentia era atração, paixão, amor. Em dezembro de 2016, assumiu-se como robossexual e revelou ao mundo que estava noiva de InMoovator, um robot que a própria desenvolveu. Antes do romance robótico, chegou a ter duas relações com homens de carne e osso, mas bastaram para perceber: “Só me sinto atraída por *robots*. As minhas duas únicas relações com homens confirmaram-me a minha orientação sexual, porque eu não gosto de contacto físico com carne humana.” Noutra parte do mundo, na China, Zheng Jiajia, não se importaria de ter esse contacto humano, mas nunca teve muita sorte com as senhoras. Farto da sua solidão e da pressão para casar exercida pela família, o engenheiro chinês de 31 anos decidiu, em 2017, pedir um *robot* em casamento. Pedir como quem diz, afinal, foi o próprio que construiu Yingying, a sua futura (neste momento, atual) esposa robótica, uma máquina que começou por ser apenas um *robot* sexual capaz de proferir palavras simples e identificar alguns caracteres chineses, mas que passaria, segundo o próprio e após um *upgrade*, a ser capaz de andar por si própria e concretizar tarefas domésticas. Na altura, isso ainda não tinha acontecido, mas não impediu Zheng de carregar (literalmente) Yingying até ao altar. Depois de dois meses de namoro, o engenheiro vestiu-se a rigor, juntou a mãe e os amigos mais próximos e celebrou o amor com um

Se estamos obcecados por aparelhos táteis e há pessoas a casar com *robots* e hologramas, será assim tão mirabolante adicionar “digissexual” ao leque de orientações sexuais possíveis?

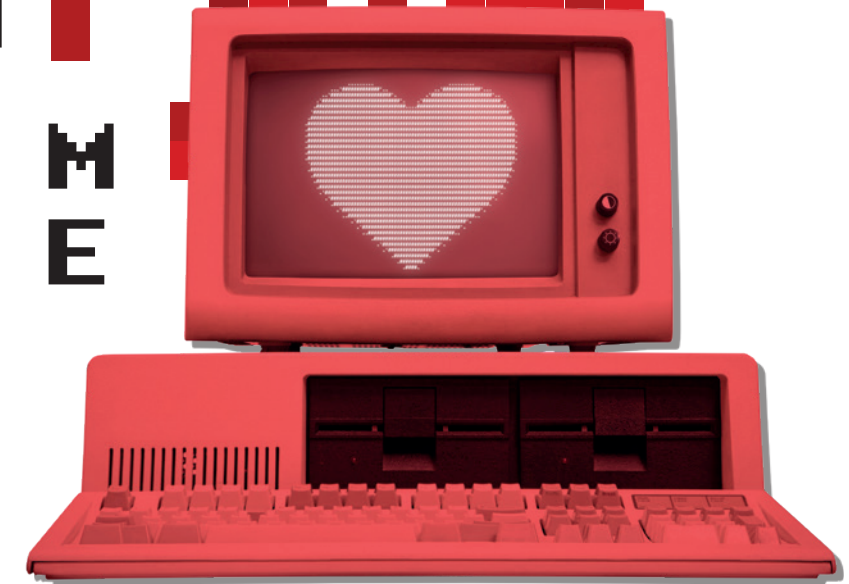
Por Beatriz Teixeira.

A M O R

A O

P R I M E I R O

D O W N L O A D

M
A
R
C
H
O

por *robots* e figuras computadorizadas? *A Ascensão da Digissexualidade: Desafios Terapêuticos e Possibilidades*, um estudo publicado em novembro de 2017 e dirigido por Neil McArthur e Markie L. C. Twist, aborda isso mesmo. Para Twist não há dúvidas: “Já há investigações que mostram que as pessoas podem atingir o orgasmo com objetos inanimados e já é comum as pessoas terem desejo pelos seus aparelhos tecnológicos e sentirem ansiedade de separação quando eles não estão por perto. Acho perfeitamente possível que as pessoas possam desenvolver amor verdadeiro pela sua tecnologia, elas até já inventam nomes carinhosos para os seus carros e barcos”, disse ao *The New York Times*. Só que, tal como qualquer novidade, primeiro há alarido, defende o colega McArthur. “Aconteceu primeiro com a pornografia, depois com o *dating* pela Internet e depois com o *texting* no Snapchat. Uma a uma, estas tecnologias vão aparecendo lado a lado com uma onda de pânico, mas à medida que as pessoas vão usando essas tecnologias, elas tornam-se parte das nossas vidas.” É por isso que, para os dois investigadores, é preciso começar já a chamar as coisas pelos nomes e reconhecer que, sendo a digissexualidade uma orientação sexual em emergência, os profissionais de saúde mental devem preparar-se. Para isso, os autores definem dois níveis de digissexualidade. O primeiro, mais *soft*, é aquele onde cabe a pornografia, as aplicações de *dating*, o *sexting* e os brinquedos sexuais eletrónicos (*relatable?*); e o segundo, mais avançado, é onde se inserem experiências de realidade virtual, realidade aumentada ou com *robots* sexuais programados com IA. Twist, que é professora de Desenvolvimento Humano e Estudos Familiares na Universidade de Wiconsin-Stout, nos EUA, e também terapeuta sexual, diz que lhe chegam alguns casos ao consultório e que já há pessoas entre os 20 e os 30 anos a assumirem-se como digissexuais de segundo nível. “Têm queda para sexo *tech* e brinquedos que podem controlar com aparelhos próprios adaptados ao pênis ou à vulva. Não tiveram contacto com humanos e não têm interesse em ter sexo com pessoas. É isto que elas querem fazer e, se tivessem dinheiro para comprar um *robot* sexual, era o que fariam”, revelou.

Hão conseguiu evitar pensar que essas pessoas precisam de acompanhamento psicológico? Vanessa Damásio, psicóloga clínica e psicoterapeuta conjugal e familiar na Psinove, não exclui a possibilidade de um dia nos virmos a apaixonar por *robots*, especialmente se humanizados, mas tem dúvidas de “que possamos manter relações de longa data e compromisso verdadeiro e satisfatório com uma projeção da nossa fantasia ou uma demasiado boa imitação de um humano”. Consciente de que temos uma capacidade e necessidade imensa de amar e de ser amados, a psicóloga reconhece que isso pode refletir-se de inúmeras formas, mais ou menos complexas (se podemos sentir emoções fortes por objetos, personagens de livros ou filmes e ídolos musicais, também podemos senti-lo por máquinas), só que é preciso que essa forma de amar não se torne restrita e disfuncional. “Os seres humanos continuam a ter o direito de escolher os preenchimentos que desejam, desde que não causem dano ou sofrimento”, explica. “A nossa humanidade implica diversidade, subjetividade, possibilidades e liberdade sexual. A sexualidade, erotização e romance com *robots* pode ser integrada nesta mesma diversidade, contudo, se se torna exclusiva, retirando-se totalmente do contacto humano, com todas as coisas boas e más, previsíveis e imprevisíveis que o compõem, creio estarmos a limitar-nos e a empobrecer-nos, ao invés de enriquecer-nos, como à primeira vista um *robot* perfeito poderá parecer fazer.” A ter de imaginar uma relação humano-androide saudável e duradoura, Vanessa não resiste a pensar que o *robot*

“SERÁ QUE AS RELAÇÕES COM ROBOTS SUBSTITUEM AQUILO QUE SENTIMOS COM O CALOR DO TOQUE DA PELE HUMANA?”

PATRÍCIA ALVES-OLIVEIRA

teria de ter algumas “limitações” típicas de ser humano como a autoconsciência, a imprevisibilidade, a empatia, o envelhecimento e até a própria morte, porque, como diz, “as relações implicam lidar com limitações mútuas”. E se bastar carregar no botão de *off* e depois no de *on* outra vez quando o *robot* se recusa a fazer sexo com o marido humano porque ele não arrumou a cozinha, que tipo de relação é essa? “Se um *robot* não pode morrer, como poderá ter e dar vida a quem vive com ele?”, questiona. “Creio que só na imperfeição humana pode nascer o verdadeiro amor. Contudo o amor romântico comporta várias formas de amar e acredito que cada ser humano tem o direito de escolher a forma como pretende relacionar-se e amar.” Se isso inclui andróides, *robots*, hologramas ou qualquer outra forma de tecnologia, é claro.

eticamente falando

A tecnologia fez das suas. Deixou-nos mais ligados do que nunca, mas também mais desligados do que nunca. Deu-nos relações à distância, relações que se fortalecem com um *tap tap* numa fotografia de Instagram, relações que só existem na bolha virtual e relações um bocadinho menos humanas e mais digitais. Mas isso só é mau se o virmos como mau. A tecnologia deu-nos coisas boas, coisas más, mas acima de tudo deu-

-nos algo. Deu e dá, porque não para. “A tecnologia tem sido talvez o maior impulsor de mudanças sociais, nomeadamente nos padrões de interação que estabelecemos. Quantas vezes não entramos num café e nos apercebemos de que está toda a gente a olhar para o telemóvel? Do que nos costumamos esquecer é que, em pelo menos 90% dessas vezes, as pessoas estão em interações sociais: a comunicar, a construir, a manter relações”, escreve-nos por *email* Patrícia Alves-Oliveira, aluna do 4.º ano de doutoramento no campo de investigação Interação Humano-Robot e investigadora com seis anos de experiência, que acredita que a interação com *robots* é só mais uma forma de satisfazer as suas necessidades sociais e também um resultado da nossa incessante procura por contacto social. “O ser humano é extremamente sensível e competente a encontrar sinais sociais no ambiente à sua volta, seja entre nós, humanos, com espécies diferentes, como cães, e até com objetos interativos, como os *robots*. Nós simplesmente queremos conectar-nos com tudo o que nos rodeia”, continua. Por isso mesmo, parece-lhe lógico que essa interação possa evoluir para algo romântico, mas não para já, afinal, “o desenvolvimento dos *robots* não se encontra pronto nem a 5% comparando com o que é a relação amorosa humana” e existem inúmeros entraves técnicos que ainda é preciso resolver. Ah, claro, e uma série de questões que é preciso fazermos a nós próprios, enquanto seres humanos. Patrícia faz uma série delas: “Os *robots* representam o lado mais desejável de uma relação humana, pela ideia de que vão existir para servir os nossos desejos e satisfazer os nossos prazeres; ao mesmo tempo, representam o lado negativo de uma relação humana, afinal, ninguém quer ser acusado de ‘agir’ como um *robot*’. Mas será que as relações amorosas com os *robots* substituem aquilo que sentimos com o calor do toque da pele humana? O cheiro do corpo do outro? A magia entre duas pessoas quando se olham?”

Não se trata apenas de substituir relações humanas com *robots*, mas de sabermos no que nos tornamos se o fizermos. Afinal, qual é o nosso limite?”. Se calhar, recapitulamos, porque esta coisa de imaginarmos uma vida a dois entre humano e *robot* não diz apenas respeito a cada um de nós, mas a todos, como um todo. É isso que também defende o grupo de ativistas defensores dos direitos dos *robots* que está à frente do *site Campaign Against Sex Robots*, fundado e liderado por Kathleen Richardson, professora de Ética e Cultura dos Robots e Inteligência Artificial na Universidade de Montfort, no Reino Unido. Não que o grupo acredite que os direitos humanos se devam estender à robótica, mas não deixa de exigir uma abordagem ética e organizada e de pedir a consciencialização dos especialistas em IA, porque receia que o desenvolvimento de *robots* sexuais humanizados possa ajudar a objetificar ainda mais mulheres e crianças, a encolher a empatia humana e a aumentar cenários de violência e desigualdade. Não foi por acaso que até o próprio David Levy comparou a utilização de *robots* sexuais a uma forma de prostituição, já que a prostituta pode, como o *robot*, simular uma forma de amor, mas há, para quem a ela recorre, consciência de que ela nem sempre ama, nem tem interesse real, e está apenas a fornecer um serviço.

Para Patrícia Alves-Oliveira, ética é a questão fundamental. “É muito importante para construir os pilares de uma sociedade, principalmente quando os *robots* poderão ser associados a temas delicados, como uso militar, perda de virgindade, *robots* que são construídos com preconceitos, sejam raciais, sejam de género. Haver um código de conduta é essencial.” Até para acalmar os ânimos de quem ainda não percebeu que aquilo que a cultura *pop* de ficção científica tem vendido está a anos-luz dos *robots* do agora – que ainda são tão limitados.

A tecnologia fez mesmo das suas e até nos conseguiu pôr a falar de amor robótico, atração por máquinas e casamento humano-androide antes do tempo. Mas o que é isso do tempo para quem vive com os olhos postos no futuro? Já antes lhe dissemos que não fazemos futurologia, talvez haja quem um dia se junte aos casos que aqui relatamos de amor entre humanos e máquinas, talvez haja quem se recuse sequer a interagir com qualquer tipo de forma robótica. A nossa bola de cristal está demasiado embaciada, 2050 está longe e as certezas ainda mais. Mas, até lá, pensemos: sobre aquilo que queremos e que vamos querer, sobre aquilo que somos e que queremos ser. Afinal, quando a bateria acaba, somos nós que restamos. ●

OFF

ON